

AS CRENÇAS RELIGIOSAS INTERFEREM NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E NO COMBATE À HOMOFOBIA NA ESCOLA?

LUCIANO PEREIRA DOS SANTOS¹; MÁRCIA ONDINA VIEIRA FERREIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – lucianopereiraluciano@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marciaondina@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

As discussões que vem ocorrendo no campo da educação em torno das questões sobre as identidades sexuais de gênero vem assumindo um papel primordial na luta pela garantia de igualdade de direitos à população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), como pôde ser constatado nos intensos debates sobre a inclusão ou exclusão dessas questões no PNE (Plano Nacional de Educação) e nos PME's (Planos Municipais de Educação).

O termo homofobia foi cunhado na década de 1970 e tinha como significado original o medo expresso por pessoas heterossexuais de estarem na presença de pessoas homossexuais, de lá para cá o conceito passou por muitos questionamentos e significações diferentes (PRADO, 2010). Neste texto, a homofobia será entendida, de forma sucinta, como preconceito e discriminação voltados às pessoas homossexuais (BORRILLO, 2001; JUNQUEIRA, 2009b; BOURDIEU, 1999; PRADO, MACHADO, 2008).

Conforme BORRILLO, 2001:

“Os elementos precursores de uma hostilidade contra lésbicas e gays emanam da tradição judaico-cristã. (...) Por sua vez, o cristianismo, ao acentuar a hostilidade da Lei judaica, começou por situar os atos homossexuais – e, em seguida, as pessoas que os cometem – não só fora da Salvação, mas também e, sobretudo, à margem da Natureza. O cristianismo triunfante transformará essa exclusão da natureza no elemento precursor e capital da ideologia homofóbica. Mais tarde, se o sodomita é condenado à fogueira, se o homossexual é considerado um doente suscetível de ser encarcerado ou se o perverso acaba seus dias nos campos de extermínio, é porque eles deixam de participar da natureza humana. A desumanização foi, assim, a *conditio sine qua non* da inferioridade, da segregação e da eliminação dos “marginais em matéria de sexo”” (BORRILLO, 2001, P.43-44).

A igreja cristã, ao condenar a homossexualidade, promoveu a heterossexualidade monogâmica como norma, e para isso passou a pregar que as relações homossexuais eram um dos pecados mais graves, tais como o canibalismo, a bestialidade ou ingestão de imundices. Essa visão passou a influenciar na maneira como as pessoas com orientação homossexual passaram a ser tratadas, e, segundo Borrillo (2001), foi se constituindo como uma prática homofóbica.

A homofobia está presente nos mais diversos grupos sociais, nas diferentes faixas etárias, em distintas profissões, locais, etc. No ambiente escolar, assim como em outros lugares, a homofobia aparece nos discursos docentes, nas piadas de alunos e alunos, nas posturas de funcionários, etc. (LOURO, 2007).

A partir das considerações apontadas acima, este trabalho tem como pretensão verificar se as crenças religiosas de professores e professores interferem nas práticas pedagógicas e no combate à homofobia na escola. Os dados constantes no texto são oriundos da pesquisa de dissertação de mestrado que está em andamento, intitulada “Homofobia e manifestações de homoafetividade na escola: o que professores e professoras têm a ver com

isso?”. Opta-se por este recorte da pesquisa em virtude das crescentes discussões sobre diversidade sexual nas políticas educacionais na atualidade.

2. METODOLOGIA

Essa é uma pesquisa de abordagem qualitativa e quantitativa, uma vez que o instrumento de coleta de dados se deu por meio de questionário contendo questões abertas e fechadas, sendo este aplicado pelo pesquisador. Esta abordagem está ancorada nos estudos de GIL, 1991, 1999 e MINAYO, 2004. Os sujeitos do estudo são docentes de escolas de ensino básico da rede pública da cidade de Pelotas/RS. Foram pesquisadas oito escolas públicas de ensino básico da cidade de Pelotas/RS, contemplando docentes que trabalham em todos os níveis e modalidades de ensino (educação infantil, ensino fundamental I, ensino fundamental II, ensino médio e na modalidade EJA). Por meio de contato direto e pessoal, 551 docentes foram convidados a participar do estudo. Deste universo, 208 (38%) responderam a pesquisa.

Aos que aceitaram foi aplicado um questionário, objetivando: traçar o perfil; verificar os conhecimentos sobre diversidade sexual; envolvimento pessoal com os temas homossexualidade e homofobia; processo de formação e prática docente; juízos pessoais de moralidade, religiosidade e direitos das pessoas LGBTQs. Os participantes foram orientados sobre os procedimentos da coleta de dados, e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Na coleta de dados, garantiu-se o anonimato dos/as entrevistados/as, a confidencialidade das informações, privacidade e proteção da imagem sendo utilizados códigos para a identificação dos sujeitos, conforme regem as normas de Pesquisas com Seres Humanos (RESOLUÇÃO 196/96) (BRASIL, 1996).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para fins de análise, os/as docentes pesquisados/as foram categorizados segundo suas crenças: 30% (63) afirmam professar religiões espiritualistas (umbandistas e Kardecistas); 30% (62) são católicos/as; 15% (30) são protestantes de diversas denominações e 25% (53) dizem não professar nenhuma religião. Entre os/as espiritualistas 97% (61) é do sexo feminino, 54% (34) são casados/as ou vivem com companheiro/a, 76% (48) possuem filhos e quanto à orientação sexual, 92% (58) se declararam heterossexuais, 5% (3) homossexuais e 3% (2) bissexuais. Dentre os/as que se declararam católicos/as 85% (53) é do sexo feminino, 68% (42) são casados/as ou vivem com companheiro/a, 76% (48) possuem filhos, 90% (56) são heterossexuais, 2% (1) é homossexual, 2% (1) bissexual e 6% (4) não responderam a questão. O grupo de protestantes é formado por 87% (26) de pessoas do sexo feminino, 67% (20) são casados/as ou vivem com companheiro/a, 77% (23) possuem filhos e 100% dos/as respondentes protestantes são heterossexuais. No grupo formado por pessoas que afirmam não professar nenhuma crença, 85% (45) são do sexo feminino, 67% (36) são casados/as ou vivem com companheiro/a, 72% (38) possuem filhos, 88% (47) são heterossexuais, 4% (2) homossexuais, 4% (2) bissexuais e 4% (2) não responderam a questão.

Perguntados se acreditam que a sexualidade pode ser modificada/alterada, disseram que sim 43% (13) dos/as protestantes, 40% (21) dos/as que não professam nenhuma religião, 35% (22) dos/as católicos/as e 33% (21) dos/as espiritualistas. Presenciar manifestações afetivas entre pessoas do mesmo sexo causa vergonha em 50% (15) do grupo de protestantes, 32% (20) de católicos/as,

30% (16) dos/as que não professam religião e em 17% (11) do grupo de espiritualistas. Questionados/as se consideram o casamento entre pessoas do mesmo sexo legítimo, disseram que sim 84% (53) dos/as espiritualistas, 81%(43) dos/as que não professam religião, 69% (43) dos/as católicos/as e 47%(14) dos/as protestantes. Afirmam que a escola tem total responsabilidade em abordar temas sobre sexualidades e gênero, 37% (23) do grupo de docentes espiritualistas e de docentes católicos/as, 34%“(18) dos/as docentes que não professam nenhuma religião e 30% (9) do grupo de docentes protestantes. Afirmam que a escola não está preparada para tratar de temas como homofobia e homossexualidade 56%(35) dos docentes espiritualistas, 52%(32) dos/as católicos/as, 47%(25) dos/as integrantes do grupo que não professa nenhuma religião e também 47% (14) dos/as docentes protestantes. Quanto a relevância de abordar essas discussões na escola, 83% (52) dos/as espiritualistas, 74%(46) dos/as católicos/as, 72% (38) dos/as que não professam nenhuma religião e 50% (15) dos/as docentes protestantes pesquisados/as afirmam ser esta uma discussão relevante. Perguntados se manifestações discriminatórias e preconceituosas em relação às sexualidades interferem no rendimento escolar dos/as discentes que as sofrem, 95% (60) dos/as respondentes espiritualistas, 89% (55) dos/as católicos/as, 77%(41) dos/as que não professam nenhuma religião e 70% (21) dos/as protestantes afirmam que interferem muito. Questionados se posicionam diante de questões sobre identidades sexuais e de gênero na escola, 55% (35) dos/as espiritualistas, 49% (26) dos/as que não professam nenhuma religião, 40% (12) dos/as protestantes e 38%(24) dos/as católicos/as afirma que se posicionam todas as vezes ou na maioria delas. Quanto a já ter presenciado atitudes discriminatórias em relação a identidades NÃO heterossexuais no ambiente escolar, afirmam que já presenciaram muitas vezes e ou algumas vezes, 70% (37) dos/as que não professam religião, 70% (44) dos/as espiritualistas, 57% (35) dos/as católicos/as e 49% (14) dos/as protestantes. Na questão “Trabalha temas sobre diversidade sexual nas aulas?” Responderam que “Sim. Sempre que o tema aparece”, 53% (16) dos/as protestantes, 49% (31) dos/as espiritualistas, 40% (25) dos/as católicos/as, 38% (20) dos/as que não professam religião, no entanto responderam que “Sim, mesmo que não esteja no currículo” 23%(12) dos/as que não professam religião, 21% (13) dos/as espiritualistas, 10% (6) dos/as católicos/as e 7%(2) dos/as protestantes. Não abordam questões sobre diversidade sexual por não sentirem-se preparados/as 26% (14) dos/as que não professam religião, 26% (16) dos/as católicos/as, 23% (7) dos/as protestantes e 22% (14) dos/as espiritualistas. Questionados se docentes homossexuais devem expor sua sexualidade na escola, responderam que “sim, mesmo que as outras pessoas não gostem e que o ambiente seja hostil”, 21%(13) dos/as espiritualistas, 15%(8) dos/as que não professam religião, 10% (3) dos/as protestantes e 6% (4) dos/as católicos/as. Em todos os grupos houve um número maior de respostas para “indiferente, pra mim tanto faz”, “não, a sexualidade de cada pessoa deve se limitar a sua vida privada” e “sim, se o ambiente for propício, favorável, acolhedor”. Concordam com a frase “Deus fez a mulher para o homem para que se casem e constituam família”, 83% (25) dos/as protestantes, 72% (45) dos/as católicos/as, 35% (22) dos/as espiritualistas e 28% (15) dos/as que não professam religião. Concordam com a frase “ Essa coisa de homem com homem, mulher com mulher, homem querendo virar mulher e mulher querendo virar homem não é de Deus. Se a pessoa tiver fé ela poderá ser curada”, 60% (18) dos/as protestantes, 8% (5) dos/as católicos/as, 4% (2) dos/as que não professam religião e 2% (1) dos/as espiritualistas.

Como pode ser observado nos dados acima, os posicionamentos e práticas dos/as docentes pesquisados não apresentam grandes mudanças ao considerarmos suas crenças religiosas ou ausência delas nas discussões sobre homofobia e homossexualidades na escola. Todavia cabe observar que o grupo de docentes protestantes, seguido pelo grupo dos/as católicos, ao compararmos com o grupo que não professa religião e os/as espiritualistas, apresentam um índice um pouco maior de fundamentalismo religioso diante dessas questões.

4. CONCLUSÕES

A limitação de espaço do texto nos impede de realizar outros cruzamentos dos dados obtidos na pesquisa e, por conseguinte, de tecermos outras considerações, no entanto é importante ressaltar que a escola assume papel central no processo de transformação social onde discussões sobre diversidade sexual deve ter espaço garantido na formação de docentes e discentes, mediante ao contexto atual de lutas e reivindicações por garantias, ampliação e igualdade de direitos a todos/as configurando-se como espaço de combate à discriminação e ao preconceito em relação à diversidade sexual. A prática pedagógica atravessada por pensamentos conservadores e pela religiosidade produz e reproduz a homofobia, portanto é de fundamental importância inclusão do debate sobre diversidade sexual na grade curricular, para a promoção do entendimento e respeito às diferentes identidades sexuais e de gênero na escola.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORILLO, Daniel. **Homofobia**. Espanha: Bellaterra, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde: dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, DF: **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa** (CONEP), 1996.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In JUNQUEIRA, R.D. (org). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas**. Brasília: MEC/UNESCO, 2009, p.13-51.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. Homofobia: muitos fenômenos sob o mesmo nome. In: PRADO, Marco Aurélio Máximo. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008.